

O ESTÁDIO DE SÃO JANUÁRIO: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO ATRAVÉS DA PAISAGEM CULTURAL

Rafael Freitas Bezerra
Instituto Federal Fluminense (IFF)
freitasrafaelbez@gmail.com

Zandor Gomes Mesquita
Instituto Federal Fluminense (IFF)
zandormesquita@gmail.com

RESUMO:

O estádio de São Januário foi inaugurado em 1927 e desde então toda a dinâmica do bairro de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, nunca mais foi a mesma. Com quase um século de existência na geo história da cidade, a ideia de produção social do espaço aparece como um processo histórico e cultural a ser analisado, em busca da interpretação do estádio - um produto - como um agente produtor de espacialidades. Entendendo o espaço social a partir de Lefebvre, o conceito de paisagem cultural se torna uma possibilidade de auxílio nessa análise, pois permite a acepção de parte da realidade a partir da relação entre sociedade-técnica-espaço. Com base em levantamentos bibliográficos e iconográficos, além de pesquisa de campo, foi possível concluir que São Januário operou diretamente na produção social do espaço no século passado, atuando também nos dias atuais.

Palavras-chave: Paisagem cultural; produção do espaço; geografia urbana.

GT – 11: Práticas culturais na produção da cidade

INTRODUÇÃO

Nas arquibancadas do estádio Vasco da Gama, popularmente conhecido como São Januário, é comum ouvir o cântico que traz os versos: “eu já lutei por negros e operários. Te enfrentei, venci, fiz São Januário”. Com poucas palavras, a torcida vascaína exalta sua história de maneira orgulhosa, se remetendo aos primeiros anos do século XX, onde uma disputa política agitou o futebol da cidade do Rio de Janeiro.

A cidade carioca vivia uma mudança de perspectiva, onde a busca pela modernidade se tornou um objetivo no começo do século passado. Era a *Belle Époque*. A herança de uma sociedade colonial-escravocrata na forma urbana da cidade começava a ser superada na paisagem a partir da reforma Pereira Passos, onde espaços amplos ganham notoriedade no centro da cidade (ABREU, 1994).

O futebol adentrava de maneira cada vez mais intensa à lógica da cidade carioca, apesar de ser visto como um causador de distúrbios num primeiro momento (MASCARENHAS, 2014). O escritor Lima Barreto foi uma das principais vozes contra a adoção do esporte, por entender como um instrumento de segregação racial, além de aderir ao coro de “grande desordem” nos gramados (DOS SANTOS, 2019).

A questão racial realmente se fazia presente no cenário futebolístico carioca, sendo inclusive proibida a presença de “jogadores de cor” nos primeiros anos de adoção do esporte (GUTERMAN, 2014). Todo esse contexto preconceituoso do futebol viu no Club de Regatas Vasco da Gama um verdadeiro perigo para a hegemonia dos clubes detentores de poder no começo do século XX.

Como o nome já diz, o Vasco da Gama nasceu como um clube de regatas em 1898, sendo sua fundação voltada para a prática do remo, um dos esportes mais populares da cidade na época. A popularização da instituição acontecia ao mesmo tempo que o esporte bretão praticado com os pés ganhava espaço no cenário esportivo da capital federal.

É nesse contexto que o Vasco, com sua notoriedade adquirida no remo, parte para os campos em busca do mesmo sucesso. Com muitos negros e operários em seu plantel, o Vasco chega na elite do futebol carioca em 1923 e conquista no mesmo ano o título de campeão.

Com forte influência dos imigrantes portugueses situados na cidade e com um considerável apelo popular, o clube se colocava como uma potencial nova força dominante no cenário futebolístico do Rio.

É nessa seara de acontecimentos que os clubes dominantes se viram de certa forma ameaçados e impuseram uma série de restrições ao Vasco. Uma dessas restrições se voltava à obrigatoriedade de ter um estádio próprio para a realização das partidas¹. Numa campanha com seus associados e simpatizantes, o Vasco da Gama adquiriu um terreno no bairro de São Cristóvão e começou a construção do seu estádio.

Dentro de todas essas dinâmicas apresentadas em torno do futebol na cidade do Rio de Janeiro e a necessidade de construção de um estádio próprio, a discussão de produção social do espaço se apresenta como uma possibilidade de análise para a atuação do estádio de São Januário como um agente produtor do espaço. Esse espaço é entendido como um espaço social, onde o estádio se apresenta como um produto dos movimentos da sociedade e também como produtor do espaço.

Essa visão de espaço é embasada pela perspectiva lefebvriana, que o enxerga como algo construído socialmente, não sendo ponto de partida, nem de chegada, e sim um modo de mediação com a sociedade (LEFEBVRE, 2006 [2000]). O espaço social é assim um produto social, sendo meio e condição para as relações sociais.

A partir do entendimento que o espaço é socialmente produzido, o conceito de paisagem cultural se apresenta como uma possibilidade conceitual para dar suporte na análise dessa produção espacial por parte do estádio. Entendemos aqui o estádio como um objeto técnico da sociedade construído em determinado momento histórico. Nessa relação sociedade-técnica-espaço, a paisagem se dá como um conjunto transtemporal, conjugando objetos de diferentes tempos históricos com diferentes conteúdos técnicos. É um sistema material cujas formas mudam de valores e significados para atender as necessidades da sociedade em suas transformações ao longo do tempo (SANTOS, 2017 [1994]). De maneira que, “(...) paisagem e sociedade são variáveis complementares cuja síntese, sempre por refazer, é dada pelo espaço humano” (SANTOS, 2017 [1994], p. 106).

¹ Até então o Vasco alugava estádios para realizar as partidas que tinham seu mando de campo.

É na paisagem que se materializa as relações entre sociedade-técnica-espaço através de suas formas construídas. Dotados de valor e significados atribuídos socialmente, os objetos técnicos presentes na paisagem, em um determinado momento, refletem a sociedade correspondente e seus conflitos. Dessa maneira, a paisagem pode ser caracterizada como um produto da apropriação e transformação do homem sobre a natureza, formando um conjunto de significados impressos através da linguagem, dos símbolos e traços culturais do grupo social em questão.

Enquanto São Januário é entendido como produto mas também produtor do espaço, ele deixa marcas, levando a paisagem ser um texto, uma obra de arte com seus segredos, aguardando uma “decodificação geográfica” (COSGROVE, 1998b, p. 229).

Com base em levantamentos bibliográficos e iconográficos, além de pesquisa de campo, essa apuração busca a partir das apreensões conceituais citadas anteriormente, a compreensão e a análise do processo de influência do estádio de São Januário na produção social do espaço.

Isto posto, o presente trabalho se divide em uma apresentação da base conceitual que dará o suporte necessário para a análise subsequente sobre o contexto histórico da construção do estádio e toda a dinâmica decorrente desses movimentos sociais provenientes da forma geográfica trabalhada.

BASE CONCEITUAL

Com quase um século inserido no espaço e na paisagem cultural carioca, o estádio de São Januário, inaugurado em 1927, vivenciou e pode representar as mudanças geo históricas que toda a cidade passou neste período. Diante de um Rio de Janeiro que passava por transformações espaciais, o estádio atuou como um produto e também um produtor de espacialidades, constituindo paisagens singulares, sendo resultante dessas relações sociais vigentes. Por essas questões, nos dias de hoje, além de ainda ser uma elemento ativo que influencia as dinâmicas do local, se apresenta como fonte de informação, capaz de auxiliar no

entendimento da conformação e produção desse espaço, com relevância na configuração da paisagem cultural local.

Tendo essas questões como base, entende-se que cabe explicitar discussões que se relacionam com os conceitos que possibilitam melhor entendimento das análises dessa produção social do espaço por parte do estádio, além de contextualizar toda a seara de acontecimentos que fizeram o estádio se constituir enquanto forma geográfica, carregada de significantes e significados, que explicita as dinâmicas e processos espaciais. O conceito de espaço geográfico, o entendimento das dinâmicas ligadas à produção social do espaço e a compreensão da singularidade das discussões da paisagem cultural são fundamentais para as análises que têm o estádio São Januário como fonte de investigação e interpretação geohistórica.

Entende-se, assim como Santos (2020 [1985]) o espaço como uma instância da sociedade, sendo produto de toda uma gama de relações sociais. Para este autor, o espaço pode ser definido como “(...) um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (SANTOS, 2017 [1994], p. 63). Assim, as diferentes dinâmicas dos indivíduos enquanto seres viventes em sociedade (econômica, cultural, política etc.) produzem o espaço, que em si, é social.

A ideia de relação entre os objetos geográficos, distribuídos em dado espaço, acarreta uma configuração espacial, perceptível na paisagem (SANTOS, 2020 [1985], p. 12.). O que dá vida a esses objetos é a sociedade e seus processos sociais em dado momento, porém essa percepção dentro da paisagem é afetada com o passar do tempo, pois a própria sociedade, através dos seus movimentos, se modifica, acarretando mudanças morfológicas e simbólicas. Dessa maneira, a paisagem é cultural na medida em que as singularidades sociais a interpretam e moldam de acordo com os símbolos que significam sua conformação.

Sendo assim, é o corpo social e a vida humana que caracterizam o espaço, dando sentido, valorizando e revalorizando noções estabelecidas. Entende-se o espaço como social e sendo resultante dessa relação sociedade-espaço, onde a vivência no espaço é influenciada ao mesmo tempo que influencia, sendo produtora e produto de toda dinâmica social

(LEFEBVRE, 2006 [2000]), superando a ideia de independência do espaço (SCHMID, 2012) e relacionando com o movimento da sociedade.

O espaço (e a paisagem cultural que a explicita), assim, não é algo dado, e sim um produto da relação que o mesmo possui com a sociedade e seus movimentos, se apresentando também como um influenciador dos futuros movimentos da própria sociedade, carregando consigo uma dialética própria de produção-reprodução-produção. Conforme o movimento da sociedade ganha importância na análise da produção do espaço, a relação espaço temporal ganha notoriedade, sendo importante para interpretar as dinâmicas encontradas, onde cada sociedade em determinado período histórico possui uma determinada relação com o espaço em que se insere, sendo resultante e pré-condição da produção social.

Essa relação entre o tempo e o espaço é abordada por Santos (2017 [1994]) no momento que o autor aponta a intrínseca relação entre a técnica, o espaço e o tempo, sendo necessário uma interpretação desses dois últimos para o entendimento da técnica. O autor diz que “(...) o conteúdo técnico do espaço é, em si mesmo, obrigatoriamente, um conteúdo em tempo - o tempo das coisas - sobre o qual vêm agir outras manifestações do tempo” (SANTOS, 2017 [1994], p. 46). Essa sobreposição de técnicas sobre o espaço é de importante assimilação para entender a lógica que determinado espaço possui com suas formas preexistentes. Em alguns casos, as formas são modificadas para se adequarem à realidade vigente, enquanto em outros, essas formas permanecem com suas funções se modificando com o passar dos anos.

Buscando analisar a participação de São Januário na produção espacial do espaço a sua volta, as três dimensões dialeticamente interconectadas de Lefebvre (2006 [2000]) se apresentam como possibilidades de interpretações que ajudam na compreensão da realidade social dentro de suas contradições. Lefebvre (2006 [2000]) elabora sua tríade analítica do espaço a partir da “prática espacial”, as “representações do espaço” e os “espaços de representação”.

A prática espacial carrega consigo uma dimensão material do espaço e das atividades e interações sociais que ali ocorrem, onde a morfologia e o ambiente construído se tornam vitais para a análise, tendo em vista a importância que o material apresenta na relação entre os

sujeitos e espaço. A representação do espaço parte de uma orientação pré-determinada do espaço, por parte de leis, normas, em busca de estabelecer uma visão criada em torno desse espaço. Os espaços de representação, por sua vez, é uma inversão terminológica da representação do espaço, onde a dimensão simbólica é analisada e a significação do espaço é colocada em primeiro plano (LEFEBVRE, 2006 [2000]).

Essa proposta de Lefebvre (2006 [2000]), onde a significação espacial e o simbólico ganham notoriedade, segundo Schmid (2012), é de uma fenomenologia materialista, onde os três campos de interpretação são dialeticamente interconectados, sem ocorrer um favorecimento de um em relação ao outro, possuindo uma importância similar, fazendo com que a existência de um sem a presença dos outros dois se torne apenas uma abstração.

Partindo das ideias de Lefebvre (2006 [2000]), o espaço é ao mesmo tempo concebido (previamente pensado), percebido (aspecto perceptível por meio dos sentidos) e vivido (onde a vivência no cotidiano no espaço são postas). O concebido seria a ideia em cima desse espaço, a forma que os responsáveis pela construção de São Januário pensaram no momento de concepção, enquanto o percebido parte de como os atores sociais enxergam e sentem o espaço, como veem São Januário dentro da dinâmica espacial ali presente. O vivido seria a vivência dos atores no cotidiano do espaço que São Januário está inserido, onde o dia-a-dia é explorado. Além do espaço ser concebido e vivido, ele também é inacabado, pois se torna produzido continuamente, fazendo com que a relação com o tempo esteja sempre em evidência (SCHMID, 2012). Essa ideia de inacabado explica as próprias mudanças ocorridas ao longo das décadas e apresenta o devir como algo construído diariamente, num eterno movimento. Essa tríade lefebvriana é o caminho escolhido para retratar as dinâmicas espaciais e sua relação com a paisagem cultural que São Januário integra, pois auxiliará na interpretação da concepção do estádio no espaço inserido, além de dar ênfase nas relações sociais envoltas à dinâmica espacial do local.

Um ponto importante do pensamento lefebvriano, como ressalta Schmid (2012, p. 107), é “(...) ir além da filosofia e da teoria e alcançar a prática e a ação”. Nesse sentido que se buscará incorporar a teoria social do espaço neste presente trabalho, buscando evidenciar as práticas e as ações em torno do estádio de São Januário na produção espacial, além de analisar o simbólico presente na relação entre o estádio e a paisagem cultural, pois a partir dela, da

paisagem, essa ideia de espaço inacabado se mostra visível, possibilitando a análise de diferentes tempos históricos.

Neste sentido, a paisagem cultural evidencia as questões morfológicas do espaço, além de ser um conceito que colabora na elucidação do próprio processo de concepção do espaço retratado, sendo também um caminho para melhor entendimento das percepções e vivências ali presentes. Santos (2017 [1994]) enfatiza que a análise da paisagem possibilita o reconhecimento das relações dos objetos. Segundo o autor, a paisagem pode ser definida como um conjunto de formas heterogêneas, abarcando formas naturais e artificiais (SANTOS, 1997). Em sua conformação, a artificialização seria realizada em conjunto com o avançar das técnicas, se distanciando de toda “naturalidade” contida. Dessa maneira, a paisagem seria uma história congelada que participa de uma história viva (SANTOS, 2017 [1994]), possuindo frações do passado, mas atuando na história presente, onde formas do passado interagem com formas do presente, reconectando o espaço e acompanhando o movimento da sociedade. Tendo essas questões em vista, o conceito se apresenta de grande valia para interpretar a relação entre os lugares e também das relações presentes em referida área, tornando o seu entendimento relevante para o desenvolvimento deste trabalho dentro da visão que entende o espaço como um elemento social.

A paisagem materializada pela sociedade produz o espaço através de formas geográficas, sendo essa noção importante ao analisar as modificações morfológicas encontradas na paisagem que abarca São Januário durante os anos, onde o estádio atuou de forma direta e indireta na construção do espaço. Porém, analisar as formas por si só se torna insuficiente, sendo necessário, como propõe Santos (2017 [1994]), analisá-las em relação às condições políticas, econômicas, sociais e culturais que essa paisagem atravessa, onde ela passa por metamorfoses de acordo com os movimentos da sociedade.

A materialidade expressa do passado faz com que a paisagem se torne um importante meio de análise. Segundo Sauer (1998 [1925]), tanto a base física, como a base humana, são importantes para analisar o conteúdo da paisagem. A sociedade produz o espaço e materializa a paisagem tendo como base suas dinâmicas, o que reforça a ideia apresentada por Santos (2017 [1994]) e Lefebvre (2006 [2000]) do espaço sendo um produto social. Além do mais,

essa paisagem acaba por influenciar processos, ao carregar consigo a materialidade antepassada.

Como dito, essa visão materializada da paisagem é importante para análise da produção social do espaço, porém insuficiente. A questão cultural é relevante para o entendimento de como a sociedade se relaciona com os elementos que a conformam. Neste sentido, Cosgrove (1998a, p. 11) aponta que “(...) o comportamento humano é inconcebível fora de um contexto social”. Logo, esse contexto social que, influenciando o comportamento humano, tem o mesmo viés lefebvriano de produção e produto de uma dinâmica da sociedade. O relacional se torna peça-chave nas perspectivas de análises desses autores. Tendo essas discussões como base, entende-se que o espaço concebido de São Januário deve ser analisado pelo seu aspecto simbólico e pelas diferentes formas possíveis (por conta do aspecto cultural) de se enxergar determinada paisagem. O que Cosgrove (1998b) fala sobre as “maneiras de ver”, “compôr” e “harmonizar” uma cena, é entendido como “polivocalidades” para Corrêa (2014), enquanto Santos (1997) aborda os diferentes níveis de percepção. Todos esses autores refletem sobre as possibilidades e diferenças que uma paisagem pode ter perante diversos atores sociais.

É dentro dessa ideia de diversos significados que a paisagem cultural pode conter que Cosgrove (1998b) a considera como um texto cultural “repleta de símbolos”, muitas vezes naturalizados no cotidiano. O autor complementa dizendo que

Todas as paisagens possuem significados simbólicos porque são o produto da apropriação e da transformação do meio ambiente pelo homem. O simbolismo é mais facilmente apreendido nas paisagens mais elaboradas – a cidade, o parque e o jardim – e por meio da representação da paisagem na pintura, na poesia e em outras artes. Mas pode ser lido nas paisagens rurais e até nas mais aparentemente não humanizadas paisagens do meio ambiente natural. (COSGROVE, 1998b, p. 228).

Sendo fruto das relações sociais, a paisagem cultural traz consigo a materialização da dominância e da alternância, ocorrendo um vínculo entre esse poder manifestado nas relações e o espaço onde essas relações são manifestadas. O interior do estádio de futebol, genericamente falando, aponta o caráter dominante da torcida do time local, estando em grande maioria no estádio e a alternativa, que no caso seria o time visitante, minoria presente

no estádio. O espaço geográfico, principalmente a cidade, refletem a diacronia dominância-alternância nas paisagens, tornando-se perceptível através da paisagem. Com tais pontos expostos, a paisagem cultural se coloca como um conceito que auxilia na interpretação das relações sociedade-técnica-espaço, materializando as dinâmicas provenientes desses movimentos da sociedade.

Tais noções sobre o perceptível da paisagem cultural somados à teoria social do espaço de Lefebvre, emergem como o caminho conceitual proposto para analisar a influência do estádio de São Januário na conformação do que hoje entendemos como o bairro Vasco da Gama e sua relação com a paisagem no período atual. Sendo assim, faz-se necessário a apresentação do objeto de discussão - o estádio de São Januário - e todo o contexto histórico da sua construção, tratando a sua concepção e a do próprio bairro, a partir da perspectiva lefebvriana, além de levantamentos bibliográficos e iconográficos e pesquisa de campo.

CONTEXTO HISTÓRICO, VASCO DA GAMA E SÃO JANUÁRIO

O futebol apresenta uma forte ligação com as cidades portuárias, sendo um dos canais de acesso para a inserção do esporte nas realidades locais. O Rio de Janeiro, então capital do país, possuía uma lógica própria no século XIX, passando por inúmeras mudanças, onde sua estrutura urbana teve um rápido crescimento. O aumento do fluxo internacional na capital foi um ponto chave para a introdução do esporte. Os modismos europeus eram bem vistos pela burguesia carioca, onde os novos usos do corpo não eram bem aceitos em todas as localidades. Sobre isso Mascarenhas aponta que

(...) em regiões ou cidades onde preexistia a prática esportiva, a adoção do futebol realizou-se sem maiores percalços, pois se tratava simplesmente de mais uma modalidade a ser praticada, com os então já reconhecidos benefícios físicos e morais do esporte. Barreiras culturais relacionadas à exibição pública de corpos e músculos já haviam sido trabalhadas, por ocasião da adoção de práticas esportivas. (MASCARENHAS, 2014, p. 63).

O remo era um esporte bem aceito na cultura esportiva carioca, como dito no capítulo anterior, enquanto o futebol tinha acabado de chegar aos portos da cidade e de maneira incipiente se alastrava pelas ruas do Rio de Janeiro. Nesse contexto, sessenta e dois homens,

sendo a maioria imigrantes portugueses ou descendentes, fundaram no dia 21 de agosto de 1898, no centro da cidade, o Club de Regatas Vasco da Gama.

O Rio de Janeiro possuía mais da metade dos portugueses radicados no Brasil na virada do século XIX para o século XX, sendo um verdadeiro chamariz para esses imigrantes que fugiam da crise econômica lusitana (OLIVEIRA, 2009), encontrando no comércio a principal ocupação desse grupo (MENEZES, 2007).

Dentro dessa inserção portuguesa na dinâmica urbana carioca, os lusos tiveram participação direta na expansão da malha urbana da cidade, onde sua presença em áreas fabris era numerosa, sendo empregados nas fábricas ou até mesmo proprietários (MENEZES, 2007). Uma dessas áreas fabris era na região de São Cristóvão, onde futuramente seria o estádio vascaíno.

Com uma comunidade de imigrantes numerosa, o clube conseguiu uma boa adesão nos seus primeiros anos, tendo sucesso na sua empreitada no remo. Antes de completar dez anos de existência, o Vasco conseguiu conquistar o bicampeonato carioca de remo nos anos de 1905 e 1906, feito inédito na cidade.

O sucesso do clube no remo foi importantíssimo para a fortificação do clube no cenário esportivo da cidade. Os portugueses do setor comercial, que eram maioria no quadro associativo do clube, ajudaram no pagamento de dívidas e investiram na aquisição de novos barcos, além de qualificar o quadro de atletas e funcionários. Esses fatos consolidaram o Vasco como o clube da colônia portuguesa (SANTANA, 2021).

Dentro desse contexto, no início do século XX diversas foram as mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais no seio da capital federal. O futebol é um bom exemplo da mudança cultural no dia-a-dia da cidade, enquanto esse anseio de modernidade predominante na chamada *belle époque* tem forte viés urbano, fazendo com que a cidade seja protagonista das manifestações culturais e artísticas (MALLMANN, 2010).

Essas questões evidenciam o debate de Santos (2017 [1994]) sobre a questão do espaço e a mudança de suas formas pela mudança de suas funções, na qual a cidade precisava se adequar tecnicamente à modernidade que adentrava no espaço carioca. O próprio futebol, como dito, não possuía um local específico para sua prática, sendo utilizados espaços de forma improvisada e com estrutura precária.

Com o futebol adentrando ainda mais nas camadas populares, os estádios se tornaram um espaço de sociabilidade cada vez mais procurado pela população carioca, acompanhando o fortalecimento do país no esporte. Como resultante desse processo, o Brasil viu o sucesso do sul-americano de 1919 como a consolidação do esporte no país, principalmente na cidade do Rio de Janeiro, onde a equipe brasileira conquistou o título em solo nacional.

O sucesso do futebol em terras cariocas era inegável, porém ainda estava presente um embate social na prática do desporto, onde as classes populares eram vistas com desdém pela elite futebolística. A conquista de 1923 pelo Vasco marcou uma ruptura da lógica vigente, onde pela primeira vez um clube fora do eixo elitista da cidade conquistava a maior glória do futebol carioca. Essa conquista causou abalos na estrutura organizacional do futebol da cidade e o Vasco sofreu ataques da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA), que era uma organização dissidente da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT)², responsável pelas dinâmicas do futebol carioca.

Segundo a AMEA, o Vasco remunerava seus atletas³, o que não era permitido pelo futebol amador da época, além de não possuir um estádio para a prática do esporte e possuir em seu quadro de atletas jogadores que não seguiam a linha do *sportsmen*. O trabalhador pobre, analfabeto e negro não seguia a linha prioritária desse homem que praticava o esporte de maneira amadora. Essa perseguição ao Vasco encontrava na torcida vascaína uma barreira econômica. Com grande torcida, o clube carregava consigo um forte apelo financeiro, levando muitos torcedores ao estádio e aumentando significativamente a renda das partidas, o que faz a AMEA aceitar meio a contragosto a presença da equipe vascaína na sua associação, após idas e vindas.

Porém, mesmo a AMEA aceitando o Vasco em seu rol de equipes, uma condição era imposta como necessária: a construção de um estádio para a realização das partidas. Em uma campanha de arrecadação com seus associados, divulgada em jornais da cidade, além de um empréstimo, fizeram com que o Vasco lançasse a pedra fundamental para a construção do seu estádio em 1926. E essa ação foi exitosa, com a inauguração ocorrendo no ano seguinte, 1927,

² Sobre a confusa relação entre os clubes mais influentes do futebol carioca, a LMDT e a AMEA, ver Malaia Santos (2010).

³ A discussão sobre amadorismo e profissionalismo no futebol é extensa e complexa e não é nosso objetivo esmiuçar o tema. Guterman (2014) e Santos (1999) são boas fontes de consulta para melhor entendimento sobre esse belicoso momento do futebol nacional. O caso do Vasco, em particular, é mais detalhado por Malaia Santos (2010).

no dia 21 de agosto. Assim, pode-se dizer que o estádio nasceu a partir das relações sociais da época, onde disputas em torno do cenário futebolístico e todo o movimento do corpo social influenciaram no processo que deu origem ao estádio Vasco da Gama, popularmente conhecido como São Januário.

Localizado no bairro de São Cristóvão, o estádio encontrava resquícios do passado no bairro que serviu de residência para a Família Real na cidade. Os grandes terrenos ainda da época imperial foram sendo substituídos na paisagem por casas que abrigavam a classe média e o operariado, conformando um novo cenário para a região. Como pode ser visto na **figura 1**, São Januário divide espaço com diversas construções na paisagem já na década de 1920, e são essas construções que permitem uma análise da dinâmica encontrada no determinado espaço a partir das marcas humanas observadas na paisagem.

É possível observar galpões da indústria têxtil presentes nos arredores do estádio, reforçando a lógica apresentada por Corrêa (1994) sobre o desenvolvimento de um núcleo urbano em torno de determinada atividade econômica. Uma especialização funcional em torno da fabricação têxtil foi se complexificando cada vez mais, resultando numa ocupação desordenada da área em questão.

FIGURA 1 - DIVIDINDO ESPAÇOS



Fonte: O Malho (1929).

Além de dividir espaços com a lógica pretérita, São Januário começou a produzir espacialidades. A indústria têxtil começaria a dividir a atenção do espaço com o estádio, que por sua vez, carregava consigo um caráter simbólico por todo o motivo da sua construção e do esforço coletivo de associados e torcedores para sua realização. Mas essa influência foi se

consolidando já nos primeiros anos de sua existência, tanto que o aglomerado subnormal conhecido como Barreira do Vasco começa a se estabelecer na década de 1930, em local próximo ao estádio, em terreno doado pelo presidente Getúlio Vargas à Igreja Católica.

Nota-se que a relação do clube e seu estádio com a conformação do espaço ocorrem de maneira imediata, sendo um símbolo da dinâmica espacial dali para frente. São Januário, produto da dinâmica esportiva, passa a produzir espaços e simbologias fora do caráter futebolístico, atuando em esferas que ultrapassam o jogo.

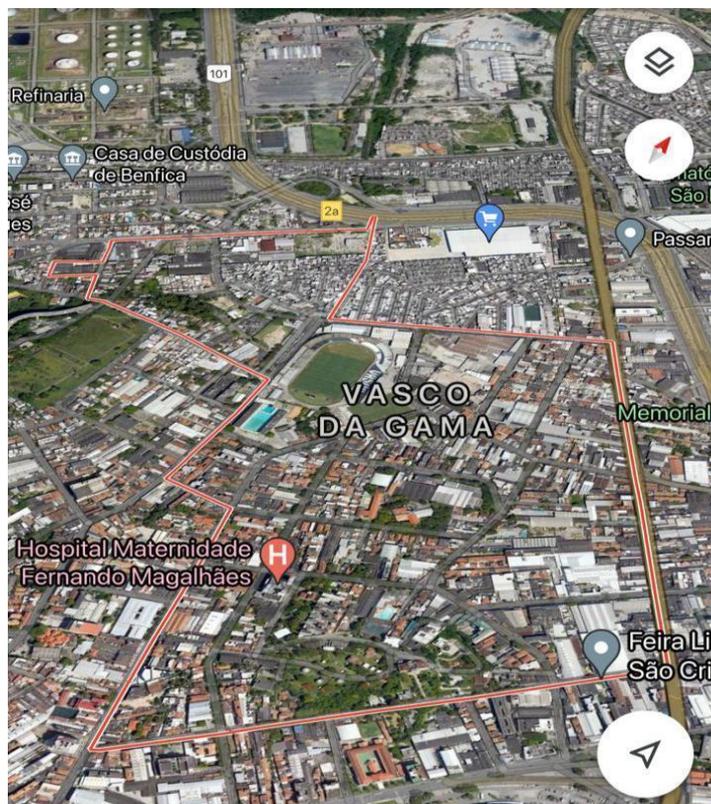
Além dessa influência nos seus arredores imediatos, São Januário carregava consigo o posto de maior estádio da cidade, superando o estádio das Laranjeiras. Esse ponto também se torna importante ao analisarmos a simbologia do futebol, que tinha sua principal forma geográfica saindo da zona sul da cidade e adentrando a zona norte, justamente no momento de grande popularização do desporto, marchando para o norte junto com a sua população mais humilde.

Essa grandeza do estádio, além da proximidade com o popular, é utilizada em contextos políticos⁴, sociais e culturais, sendo palco de shows e até desfiles das escolas de samba do carnaval carioca daquele período. Todo esse uso da forma geográfica consolidou o estádio no imaginário do carioca, chegando ao ponto da criação do bairro Vasco da Gama em 1998, ano do centenário do clube.

O bairro criado em 1998 revela a centralidade geohistórica do estádio de São Januário para a localidade. O que pode ser visto na década de 1930, quando o Vasco empresta seu nome para a favela da Barreira, o bairro acompanha esse processo de influência que o clube, a partir do seu estádio, possui sobre seu entorno. A concepção política parte desta premissa. O estádio se apresenta no centro do bairro, como pode ser visto na **figura 2**, fazendo com que a dinâmica do bairro como um todo seja atravessada pela dinâmica do estádio, desde sua fundação e existência, principalmente em dias de jogos, onde a economia, formal e informal, se beneficiam de todo esse fluxo, com bares ficando mais cheios, vendedores informais indo às ruas, etc.

⁴ Grandes comícios de Getúlio Vargas e do Partido Comunista Brasileiro.

FIGURA 2 - O BAIRRO VASCO DA GAMA



Fonte: Google Maps

O simbolismo em torno do Vasco e do seu estádio, portanto, não parte apenas dos vascaínos. A localidade é logo associada ao clube por todos. Se não for de maneira sentimental, é sem dúvidas, de maneira visual, onde o bairro e a favela são lotados de imagens que remetem ao clube, além da própria nomenclatura em placas da prefeitura, aparelhos de gps, etc. O próprio clube usa a sua localização de forma estratégica para associar sua imagem com a zona norte da cidade, se auto referindo como o “legítimo clube do povo”.

Todo este processo de protagonismo do estádio pode ser evidenciado em outros processos políticos, como o tombamento da fachada em estilo neocolonial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), além do projeto de lei nº 263/2017, sancionado em 2021 que considerou todo o estádio como patrimônio do Rio de Janeiro pela sua importância histórica, cultural, social e desportiva para o município. O bairro Vasco da Gama e a favela Barreira do Vasco se apresentam como os maiores exemplos da consolidação

do estádio como grande produtor social de espacialidades, dinâmicas e processos na vivência de moradores e transeuntes.

Nos dias atuais, diversas são as referências encontradas pelo bairro ao clube, fazendo do simbolismo em torno do estádio algo bastante perceptível pelos sentidos, como comércios e pinturas em paredes que fazem alusão ao clube. Ao mesmo tempo, referências da época de sua inauguração ainda são encontradas, como construções da década de 1920, que ainda permanecem vivas na paisagem do bairro.

Numa ida ao campo, foi possível identificar diversas dessas referências em diferentes paisagens, corroborando com a ideia de influência simbólica e morfológica na constituição do espaço, como na **figura 3**, uma construção da década de 1925, que tem pintada uma cruz, símbolo do clube.

FIGURA 3 - CONSTRUÇÃO DE 1925



Fonte: próprio autor (2022).

Além de formas geográficas antigas, também encontramos formas mais atuais na geografia do bairro. Essa mudança na data das construções atreladas a permanência do grande símbolo - o Vasco -, reforçam a permanência da predominância do clube como o maior vetor da produção social do espaço dessa localidade. O exemplo dessa forma geográfica mais

moderna é um estúdio de tatuagem localizado em frente ao complexo aquático do clube, na rua da entrada principal do estádio, como pode ser visto na **figura 4**.

FIGURA 4 - TATUAGENS VASCAÍNAS



Fonte: próprio autor (2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço do bairro Vasco da Gama e toda a sua produção passaram por uma mudança significativa após a construção do estádio. A própria nomenclatura do novo bairro, a partir de um recorte oriundo graças a existência do estádio comprovam tal fato. A favela da Barreira do Vasco, oriunda ainda dos anos 30 do século passado, nos dá a dimensão de uma produção de espacialidades e sentidos muito antiga, que mesmo após tantos anos prossegue.

Nesse sentido, entendemos São Januário como um produto do movimento social, onde a partir de sua construção, toma o papel de grande produtor de dinâmicas, sentidos, símbolos

e vivências. A paisagem, por sua vez, pode ser vista como um grande exemplo dessa influência do estádio, visto que em diferentes momentos históricos conseguimos identificar uma “paisagem influenciada”, refletindo todo um processo mais amplo.

Cabe salientar que essa produção-reprodução-produção supera a barreira meramente esportiva, fazendo com que dinâmicas culturais, sociais, históricas e econômicas sejam importantes para a análise dessa paisagem cultural. O estádio traz consigo um movimento econômico de geração de recursos para moradores em dias de jogos, de valorização do espaço, sendo o vivido incorporado por complexos simbolismos (LEFEBVRE, 2006 [2000]).

Na paisagem cultural atual, São Januário ainda possui papel de destaque e dominância, mesmo após quase 100 anos de sua inauguração. Recentemente, um plano de reforma foi lançado pela diretoria do clube, o que faz com que mudanças estruturais não só do estádio como das imediações sejam necessárias para melhor adaptação de um número maior de torcedores. Fica o alerta para tais mudanças⁵ que podem descaracterizar o entorno e impactar diretamente a vida de moradores e torcedores, fazendo com que o “legítimo clube do povo”, como o próprio Vasco se diz, seja mais um clube que se jogue de cabeça no futebol espetáculo e não enxergue sua vizinhança que no último século vivenciou contigo os processos estruturais, sociais e simbólicas da região.

⁵ Pesquisas sobre o projeto de reforma de São Januário e toda a relação com o bairro e a favela são muito necessárias para os próximos anos, com o intuito de analisar os impactos e as condições dessas mudanças estruturais, que podem e devem muito provavelmente modificar sociabilidades e simbologias em torno do estádio e do clube, caso realmente se concretizem.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício. O estudo geográfico da cidade no Brasil: evolução e avaliação. In CARLOS, Ana Fani (org.). Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano. São Paulo: EDUSP, p. 199-322. 1994.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Origem e tendências da rede urbana brasileira.* Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v. 56, n. 1-4, p. 293-299, jan/dez. 1994.

CORRÊA, Roberto Lobato. Carl Sauer e Denis Cosgrove: a Paisagem e o Passado. *Espaço Aberto*, v. 4, n. 1, p. 37-46, 2014.

COSGROVE, Denis. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. *Espaço e cultura*, n. 5, p. 5-29, 1998a.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura.* Rio de Janeiro: Eduerj, 1998b.

DOS SANTOS, José Antônio. Lima Barreto: apontamentos sobre football e protagonismo negro no Brasil. *Revista Práxis*, v. 1, p. 103-122, 2019.

GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país.* São Paulo: Contexto. p. 272. 2014.

LEFEBVRE, Henri. *A produção do espaço.* Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace.* 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). 2006.

MALAIA SANTOS, João Manuel Casquinha. *Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934).* Tese de doutorado em história. Universidade de São Paulo, 490 p. 2010.

MALLMANN, Marcela Cockell. Pelos Becos e pela Avenida da Belle Époque Carioca. São Gonçalo: *Soletras*, Ano X, nº. 20, p.105-118, jul./dez. 2010.

MASCARENHAS, Gilmar. *Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol.* Rio de Janeiro: Eduerj. p. 256. 2014.

MENEZES, Lená Medeiros de. A presença portuguesa no Rio de Janeiro segundo os censos de 1872, 1890, 1906 e 1920: dos números às trajetórias de vida. *in* MARTINS, Ismênia Lima e SOUSA, Fernando (orgs.) – *A Emigração Portuguesa para o Brasil.* Porto: CEPESE/Edições Afrontamento, p. 103-120. 2007.

OLIVEIRA, Carla Mary S. Rio de Janeiro da Primeira República e a imigração portuguesa: panorama histórico. *Revista do arquivo geral da cidade do Rio de Janeiro*, n. 3, p. 149-168, 2009.

SANTANA, Walmer Peres. *A consolidação do Club de Regatas Vasco da Gama (1898-1906).* Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2021.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado.* São Paulo: Hucitec, v. 5, 1997.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo. Razão e emoção.* 4ª ed. São Paulo: Edusp. p. 392. 2017 [1994].

SANTOS, Milton. *Espaço e Método.* 5ª ed. São Paulo: Edusp. p. 120. 2020 [1985].

SANTOS, Tarcyanie C. Os primeiros passos do profissionalismo ao futebol como megaevento. Trabalho apresentado no *Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação–INTERCOM*, Rio de Janeiro, Brasil. Vol. 22. 1999.

SAUER, Carl. Otwing. The Morphology of Landscape. University of California Publications in Geography, n. 2 (2) 1925. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. (orgs.) *Paisagem, Tempo e Cultura*, Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

SCHMID, Christian. *A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional.* *GEOUSP Espaço E Tempo* (Online), v. 16, n. 3, p. 89-109, 2012.